

Me odeia, mas por favor, pensa em mim! Compreensão do engajamento com base nas trajetória militante

*Hate me, but please, think about me: Understanding of engagement based on
the militant trajectory*

■ Ricardo Gonçalves Severo

Resumo

Com base em uma trajetória militante, busca-se compreender quais são os elementos pertinentes para a adesão, continuidade e desengajamento em uma organização política. Para tal, parte-se da análise diacrônica e sua relação com uma rádio comunitária no sul do Brasil que tem como característica a produção de pautas relacionadas à esquerda política, além de ser gerida por alguns sindicatos da cidade. A partir da observação da participação cotidiana nesta rádio e da construção de narrativas biográficas, busca-se compreender as formas de produção de engajamento. Na análise, os elementos que pareceram ser pertinentes para o entendimento do engajamento são as redes sociais, agentes recrutadores, reconhecimento e o plano emocional.

Palavras-chave:

Rádio Comunitária; Engajamento Militante; Redes Sociais; Trajetória; Entrevista.

Abstract

Based on a militant path, we seek to understand what are the relevant factors for membership, continuity and disengagement in a political organization. To this end, we start from the diachronic analysis and its relationship with a community radio station in the south of Brazil, whose characteristic is the production of guidelines related to the political left, in addition to being managed by some unions in the city. From the observation of the daily participation in this radio and the construction of biographical narratives it is sought to understand the forms of production of engagement. In the analysis, the factors that appeared to be relevant for the understanding of engagement are social networks, recruiters, recognition and emotional level.

Key-words

Community Radio; Militant Engagement; Social Network; Career; Interview.

Introdução

A pesquisa sobre engajamento foi feita no período de 2011 a 2013 em uma rádio comunitária no sul do Brasil, que tem por característica a construção de pautas progressistas, com uma programação política e cultural voltada ao espectro político de esquerda. Acompanharam-se as práticas cotidianas dos militantes de forma a captar os sentidos das ações, o que deve ocorrer por meio de interação face a face, sem exigência de instrumentos estruturados e, principalmente, que quebre a distância entre pesquisador e pesquisado, o que deve ser expresso na transformação do termo “objeto da pesquisa” para “sujeito da pesquisa” (HAGETTE, 1992). Também se realizaram entrevistas em profundidade, as quais buscaram compreender o ingresso, engajamento e desengajamento da rádio, especialmente buscando compreender a reação daqueles sujeitos pertinentes na biografia dos entrevistados (familiares, amigos e etc.).

No presente artigo, apresenta-se o ingresso de Mari na militância em uma rádio comunitária em cidade do interior do Rio Grande do Sul¹. A partir de seu relato e também da observação de seu cotidiano na rádio busca-se compreender quais são os elementos significativos, a partir da perspectiva do indivíduo, para a adesão, continuidade e saída do engajamento militante em uma organização política.

Para captar a lógica discursiva dos pesquisados, com o auxílio de Giddens (2009), compreendeu-se que existem dois níveis de Razão: *Prática e Discursiva*. A primeira se dá no processo cotidiano de ação social, de forma processual. Neste processo, que requer interação social, são criadas e apreendidas normas, em um constante fluxo de agentes, os quais utilizam a rotinização das ações como forma de estabelecer relações duradouras, baseadas em valores sociais que são partilhados pelos participantes do grupo. Neste nível se dá a razão prática, enquanto em ação a pessoa sabe o que faz. No entanto, quando se opera a razão discursiva, observa-se uma coincidência do discurso com a prática de maneira direta, pois “...as razões que os atores oferecem discursivamente para o que fazem podem divergir da racionalização da ação quando realmente envolvida no fluxo de conduta destes atores” (GIDDENS, 2009, p.5).

Quer dizer que serão razões apresentadas não coincidentes. Não é em razão da incompetência do agente entrevistado, mas sim do entrevistador e do processo de entrevista quando não acompanha a rotina dos indivíduos pesquisados, razão pela qual escolheu-se acompanhar o cotidiano dos integrantes da rádio antes de realizar as entrevistas, de forma a compreender sua intencionalidade racional em contraste com as práticas já observadas. O questionamento deve seguir o fluxo de ação operada no nível da razão prática, de forma a facilitar que o entrevistado consiga colocar a resposta em termos de razão discursiva. Deve-se apreender a razão operante, conforme exposto por Zaluar (2004), compreendendo a fala como ligada a determinado contexto e práticas específicas. Daí que ao acompanhar as práticas dos ativistas e depois realizar as entrevistas ser tão importante, pois compreenderia quais seriam seus significantes.

Desta forma, perceber que a maneira de compreender a fala dos indivíduos pesquisados se dá ao utilizar o método etnográfico como ferramenta de compreensão da razão prática destes sujeitos, e

¹ Os nomes utilizados no texto são pseudônimos, de forma a não identificar os sujeitos pesquisados. A mesma opção metodológica será utilizada no caso da identificação da cidade e das Universidades envolvidas.

somente após esta operação, utilizar a entrevista, seguindo a lógica do agente sem ficar preso à escrita do texto antropológico.

Para isso é preciso conhecer o campo e o sujeito, assim como o contexto de ação destes, a forma como se relacionam e o que ocorre a partir do momento em que se sentem à vontade na presença do pesquisador.

Queria entender melhor estas práticas recorrentes, como os conflitos que surgiam entre militantes e também como algumas formas de agir e se posicionar surgiram e como influenciam nas relações destes militantes. Quando se compreenderam as dinâmicas sociais, com base nas observações, partiu-se para a realização de entrevistas, ciente da crítica de Bourdieu (1996; 2010) sobre a ilusão biográfica, segundo o qual o entrevistado buscará dar uma coerência à sua biografia de acordo com a perspectiva presente. Perspectiva que abracei pois, esta construção de coerência, em contraste com suas práticas é que parece como construção social mais interessante para a pesquisa.

Em suma, busquei compreender a construção da biografia de Mari e a relação que estabelecia com seu ativismo, caracterizada como uma continuidade entre as atividades políticas e culturais. A entrevistada comenta a seguir que sua disposição para a política ocorre após o ingresso nas redes sociais, e a possibilidade percebida de poder acionar gostos pessoais no espaço da rádio possibilitaram que permanecesse engajada e em que situações tais redes e gostos deixam de ser suficientes para a manutenção do engajamento. Aqui trato, portanto, como central a possibilidade de relacionar experiências em outras esferas com a rede militante como forma de adesão continuada.

Assim, o presente texto sintetiza uma das histórias em um formato de drama social, buscando compreender os diferentes momentos de pertencimento ao engajamento para ao final serem debatidos elementos pertinentes para a análise, tais como a importância das redes sociais, oportunidade estrutural, agente recrutador e reconhecimento do capital cultural adquirido na participação dos diversos espaços sociais em os agentes seu tempo.

Trajetória de engajamento de uma militante: do Movimento estudantil até a rádio

Mari é uma jovem negra, jornalista e poetisa de 25 anos. Tem um sorriso fácil, tratando todos de forma simpática e cortês. Filha caçula da família de três irmãos, um deles médico veterinário e o outro engenheiro elétrico e professor de música. Seu pai, já falecido, foi servidor público estadual. Ela conta que ele nunca teve interesse em se aproximar do sindicato; porém, se manteve informado em relação à sua categoria. Sua mãe é dona de casa e cozinha “pra fora”. Ambos, em sua opinião, são muito inocentes em relação à política. Ela ressalta que eles não são de “direita” e que não veem diferença nesse tipo de categorização. Esse distanciamento dos seus pais com a política permitiu a Mari, conforme seu próprio entendimento, que se tornasse independente para determinar suas escolhas políticas e profissionais. “*Sempre fui muito livre*”, me diz, pois não houve impedimentos para seu futuro engajamento, o que não impediu certo questionamento por parte de seus pais.

Como exemplo, diz que sua mãe não entende por que ela trabalha em uma rádio comunitária, e que considera, de certa forma, um pouco vergonhoso. Isto ocorre, acredita, pela própria “inocência política”, por não vislumbrar o papel que a rádio exerce na cidade. Para Mari significa a tentativa de

consolidar uma “contra hegemonia”, resistência aos meios de comunicação comerciais. Também sente uma pressão para que venha a trabalhar em uma empresa mais conhecida, como a RBS (retransmissora local da rede Globo). Quando encontra-se com outros familiares, em confraternizações, existem comentários: “E aí minha filha, quando vou te ver na RBS?”, lhe pergunta um tio. Não os contradiz, pois acredita que pareceria “recalcada”, razão pela qual procura não falar sobre questões do trabalho e militância com a família, não sendo, até o momento, razão para o abandono ou mudança profunda de seu trabalho.

Cursou a faculdade de comunicação social na Universidade A, no período de 2002 a 2006. É nesta época que começou a envolver-se com a militância, participando do Diretório Acadêmico e depois no Diretório Central dos Estudantes. Nesse período que conheceu Paulo, estudante de artes na Universidade B e de comunicação na Universidade A, assim como Daniel, estudante de comunicação na Universidade A, os quais já participavam da rádio comunitária, além de Renato, que tem quarenta e poucos anos, é bancário, sindicalista e um dos fundadores da rádio, tendo participado de uma corrente política ligada ao PT e sendo colaborador do Instituto de Estudos Políticos.

Mari disse ter conhecido a rádio como ouvinte, pela internet, quando havia recém ingressado na faculdade. Ela acredita que a rádio era bem mais forte nesse período, pois as pessoas falavam mais nela e também por perceber maior embate político com o poder público local.

Foi convidada pelo professor Rafael para participar das atividades do Instituto de Estudos Políticos. Ela acredita que o convite tenha vindo em função de estar envolvida com o movimento estudantil e pela sua postura em sala de aula. Grande parte dos integrantes do Instituto de Estudos Políticos foram membros de uma corrente interna do Partido dos Trabalhadores, a qual se desfez durante o governo Lula por não haver uma concordância acerca de sua participação no PT e governo. Rafael foi presidente do PT na década de 1990 nesta cidade do interior do RS. Desde sua fundação o Instituto de Estudos Políticos sempre externalizou que não queria se vincular a nenhum partido, de forma a ampliar uma rede de participantes oriundos de outras siglas e se sustenta pela colaboração de associados e de projetos sociais, um dos quais Mari veio a trabalhar.

Este instituto realiza atividades ligadas à temática política de esquerda, e em especial sobre a denúncia às ditaduras militares. O convite surgiu, conta Mari, após uma aula de ciência política, proferida pelo professor Rafael. “*Ele sempre escolhe alguns alunos para falar do [Instituto de Estudos Políticos], para chamar num canto nos 45 do segundo tempo da aula...*”. Isto ocorre, me diz, em razão da postura dos alunos em sua aula e também quando percebe que há envolvimento destes em DA’s e DCE. No Instituto de Estudos Políticos Mari atua como jornalista e aprofunda o envolvimento com a militância, participando da coordenação, ajudando na organização de eventos e outras atividades: “*O [Instituto de Estudos Políticos] é muito louco, por que é tudo na verdade. Desde descascar cebola até discutir política com o Rafael. É muito bom, uma das maiores escolas sem dúvida é o [Instituto de Estudos Políticos]*”.

Neste cenário que Mari inicia-se na militância. Tem no professor Rafael uma referência política e comenta como foi importante a transição do espaço acadêmico para o Instituto de Estudos Políticos, podendo falar “de igual para igual” com o Rafael. Além disso, tem o estabelecimento de uma relação de confiança para com os integrantes desta organização, lhe sendo relevante, em especial, um

sentimento de autonomia desempenhado no desenvolvimento das atividades neste instituto, como participar de reuniões “nos domingos de noite”, buscar associados, organizar eventos, entre outros.

Compreende ter sido “natural” o convite a participar da rádio comunitária por já ter iniciado sua militância em outros espaços. Também diz que este envolvimento se deu por uma “...*sintonia com a proposta que já tinha e que deu lógica na minha vida que a [rádio comunitária] se enquadrava muito mais para aquilo que eu queria relacionado à comunicação*”. Assim, parecia fazer sentido a participação nestes espaços sociais em forma conjunta e começa sua participação na rádio.

Intercala a atividade militante no Instituto de Estudos Políticos e rádio comunitária com a necessidade de atividade remunerada, tendo de se afastar por certo período da rádio para trabalhar como bolsista em um projeto de pesquisa com um professor de seu curso. Em determinado período trabalhou como jornalista escrevendo sobre música *gospel* para uma revista paulista. Com o término do período como bolsista, Mari foi convidada para participar novamente da rádio junto com Paulo. Eles produziram um programa sobre cultura e política, com destaque para atividades na cidade.

Iniciou também, na época da faculdade, uma discussão sobre cooperativismo, em razão de sua participação em uma incubadora de cooperativas da Universidade A, e na qual era presente o debate sobre economia solidária por parte do professor Aroldo. Mari diz que nesta época era “tudo cooperativa e economia solidária”, a ponto de parecer uma “lavagem cerebral”. Em razão destes debates, Mari e outros colegas de faculdade, entre eles Renato e Valéria, elaboraram um projeto de cooperativa, denominado *Rede*.

A decisão de formar a cooperativa com estes colegas, me diz, se dá por um sentimento de “sintonia”. Todos são colegas de faculdade, de movimento estudantil e também participam da rádio. Valéria vem participar posteriormente da rádio comunitária juntamente com Mari. Foi Renato quem as convidou para entrar na rádio e também lhes apresentou uma série de contatos de organizações militantes, em especial outros sindicatos e também profissionais liberais, como advogados que atendiam a estes sindicatos.

Foi neste período de faculdade que Mari estabeleceu a maioria dos contatos militantes que mantém até hoje. Sendo o processo de iniciação no que vem a denominar militância como uma forma de atividade relacionada a grupos políticos e sindicais e que se caracteriza pela inserção simultânea em diversas organizações, dando maior importância para algumas por determinadas questões que inicialmente se apresentam como sentimentais ou ideais. Para melhor determinar seus envolvimento, em conversa com Mari, a questão da militância parece revelar a necessidade da existência de alguns elementos, como a entrega, formação (considerada como vivência e instrução), confiança, conflito e coerência.

Mari chama a atenção ao fato de que participou da rádio por três anos como voluntária, e de se entregar a um projeto que, em suas palavras, “*é o tipo de coisa que eu acho que tem mais a ver com o que eu quero para mim como jornalista*.” Neste sentido, ser jornalista é se colocar como representante de determinados grupos, que acredita serem representados pela rádio, como o movimento gay, negro, sem-terra, estudantil entre outros: é compreender que as pessoas “*estão reunidas em prol de algo, de um objetivo*”. Para ela, é uma questão de colocar-se à disposição sem a expectativa de um retorno

monetário imediato, pois a causa é maior. Foi assim na rádio, no Instituto de Estudos Políticos, DCE e DA, considerado como ciclo inicial de sua carreira militante.

Na rádio ela produziu, durante certo período, o programa *Navegando*, junto com Paulo, que era o responsável pela produção. É dele que aprende o modelo de programa que vem a produzir posteriormente, que conta com entrevistas, quadros culturais e variedade musical, realizando algumas modificações. Neste período, comenta, havia um grande trânsito de pessoas na rádio, sejam convidados esporádicos ou pessoas responsáveis por produzir um assunto para o programa, como: cinema, teatro ou poesia.

Surgem desse programa experiências como a realização do projeto “Poesia no Ônibus”, de iniciativa de Paulo, em que os artistas locais tiveram seus poemas reproduzidos em adesivos de uma empresa de transporte público na cidade. O próprio programa surge de uma iniciativa de Paulo e um colega de faculdade, como projeto de extensão da Universidade B. A absoluta maioria de pessoas envolvidas neste programa o realiza de forma voluntária, assim como Mari, inicialmente.

Além da rádio, também no Instituto de Estudos Políticos, Mari inicialmente realiza atividades de forma voluntária, como “reuniões aos domingos de noite”, que realça em entrevista. Sente fortemente a questão do compromisso, de uma obrigação quando uma pessoa de alguma organização lhe pede algo. Isso já gerou conflitos profissionais, pois acredita que muitos sindicalistas confundem esta questão, que para Mari se trata de campos diferentes, em especial quando executam tarefas pela cooperativa.

A cooperativa Rede teve seguimento após a faculdade. Mari disse que esta questão de coletividade, de trabalho cooperativo, os levou a convidar uma série de pessoas a também participar da cooperativa. Se alguém fosse ao *Navegando* e ela sentisse que havia afinidade, que deveria ser também sentida por Valéria e Renato, então o convidavam para participar da Rede. Assim, em determinado momento, havia cerca de oito ou nove pessoas participando da cooperativa. Isto tornou-se problemático para eles, pois inicialmente dividiam todos os ganhos igualmente, caso conseguissem algum trabalho. Lembra-se de que havia pessoas que trabalhavam muito mais do que outras e recebiam o mesmo valor, considerando ainda que metade do valor recebido era investido na cooperativa para aquisição em equipamentos e pagamento de contas.

Depois de uma etapa inicial de entrega, que passa pelo trabalho voluntário, passa a receber na rádio como radialista para a produção diária do *Navegando*, a convite de Renato. Mari desconhece que Renato demite Paulo, a quem vem a substituir, por razões que serão abordadas adiante.

No Instituto de Estudos Políticos, ela e Valéria são contratadas como jornalistas para a execução da comunicação desta entidade em um projeto sobre o movimento estudantil do período da reabertura política, financiado pelo Governo Federal, em um edital via Universidade B. Mari faz questão de ser contratada via Rede, de forma a doar metade de seus ganhos para a cooperativa que depois torna-se empresa. Disse que não poderia agir de maneira diferente, pois havia assumido compromisso com o grupo da cooperativa.

Na rádio já há oito anos, diz que sente que a relação “esfria”, se torna rotineira, a partir do momento que se torna uma funcionária. Algo que percebe é a burocratização das relações. Mesmo que antes tivesse que cumprir horários e realizar tarefas, agora as sente como uma obrigação

relacionada à necessidade de receber seu salário, atualmente percebido como razão principal de seu envolvimento, muito em função do momento em que se encontra na rádio. Se antigamente, quando trabalhava como voluntária, havia grande trânsito de pessoas no Navegando, atualmente ela é a única responsável pela sua produção, havendo um sentimento de solidão e abandono, em especial por parte da coordenação da rádio que não se faz presente no cotidiano.

Mari também começou a perceber cobranças veladas sobre o que deveria tocar, ou o que lhe incomodava mais ainda, críticas que não lhe eram ditas diretamente, e que eram descobertas por terceiros. Há uma certa interdição de músicas e gêneros ou artistas, que mesmo sendo apreciados por pessoas compreendidas como de bom gosto, ou alternativas, não deveriam ser tocadas. “Pode tocar Chico Buarque, mas não Roda Viva...”, tampouco Beatles, pois já estão ricos. Seria o papel da rádio, conforme uma orientação, que geralmente ocorre como crítica velada ou como indireta, promover artistas desconhecidos e músicas que não tocam em nenhum outro lugar.

Tais cobranças e interdições são sentidas por Mari como a característica de um gueto intelectual de esquerda, que não tem se preocupado em formar ou atrair novas pessoas, como se fosse algo de um grupo para eles mesmos. Além disso, percebe que quem realiza tais críticas não é ouvinte da rádio.

Além de selecionar uma variedade de músicos locais ou regionais, é comum que estes vão até o Navegando e toquem ao vivo, o que ocorre várias vezes durante a semana, geralmente quando estes estão divulgando algum show que realizarão. É uma rotina que agrada a Mari, mas que não lhe satura por perceber que caiu em um lugar comum. O momento da rádio, para ela, não é bom. Agora percebe a rádio como algo consolidado, e assim, que não incomoda ninguém. Considera a possibilidade de incomodar, enfrentar situações de confronto direto como fundamental para motivação na continuidade da militância.

Quando começou na rádio não havia certezas acerca do amanhã, me conta. Faziam os programas com receio de que a polícia federal fechasse a rádio a qualquer momento, o que aconteceu algumas vezes. Era comum estarem transmitindo e a PF chegar e interditar a rádio, pois a rádio não tinha licença prévia para funcionamento. O material era apreendido, como computadores e antena, e tinham de dar um jeito de conseguir novos materiais para a transmissão. Começaram a trabalhar com a porta trancada para evitar surpresas. Havia um embate direto com o Estado.

Além do constante risco de fechamento, também se lembra que havia um sentimento de conseguir incomodar o poder público local, por críticas ao prefeito e secretariado. Faziam matérias sobre os problemas da cidade e havia o retorno da audiência, o que para ela aparecia como indício de sucesso deste embate, além de sentir haver resultados das reclamações que faziam. Sentia que eram *“momentos difíceis em que tu se supera. Momentos muito melhores do que estar em uma situação de conforto, que aí tu fica relaxado”*.

Outros antagonistas que eram alvo de frequentes críticas eram os meios de comunicação considerados como tradicionais, seja a rede de televisão RBS e seu jornal Zero Hora, ou o jornal local, em especial por este ser de propriedade da família do prefeito à época, integrante do Partido Progressista. Tais situações ocorreram, no entanto, em outro contexto, quando a rádio ainda era uma

novidade e, principalmente, como destaca, havia exemplos militantes presentes, que “formavam” na militância.

Um dos exemplos citados é Carlos, sindicalista bancário e militante do PC do B. Carlos foi um dos idealizadores da rádio, sendo um dos seus principais articuladores, convocando as reuniões e reunindo pessoas de diversos movimentos sociais e outros sindicatos para as reuniões que se iniciaram em 1998 para debater as características do que seria preciso para a fundação da rádio comunitária.

Enquanto esteve presente, produziu diversos programas, como o Contraponto, programa noticioso do qual Mari teve participação e também musicais. Além daqueles que estava diretamente envolvido, Mari lembra que era uma figura sempre presente.

Quando não diretamente, estava na escuta da rádio, ligando para os presentes na rádio para dar orientações e sugestões, além de construir pautas. Carlos afastou-se da rádio pois mudou-se para outra cidade do Estado, em razão de ter aberto uma agência de comunicação responsável por campanhas sindicais e de candidatos a cargos públicos ligados ao seu partido. Quando ocorrem assembleias ou cursos de formação da rádio, é convidado para comentar suas experiências.

Mari também cita a presença constante de Luan, que antigamente estava diretamente envolvido, assim como outros sindicalistas, Paulo, que iniciou o Navegando e que, em sua opinião, foram responsáveis pela sua formação militante. O contexto de constante risco de fechamento e embate com o poder público local fazia com que suas presenças fossem necessárias para garantir a segurança e também para dar enfrentamento a quem os envolvidos na rádio antagonizavam.

O período de participação da rádio, juntamente com o envolvimento no Instituto de Estudos Políticos, DCE e demais espaços, em conjunto, são elementos pertinentes para a formação de Mari. Ressalta, no entanto, que mesmo considerando o convívio com tais pessoas algo fundamental, foi o ambiente que lhe proporcionou a formação, o ambiente diverso que esteve envolvida. No entanto, sente-se, atualmente, muito solitária, além de não perceber mais a rádio como veículo de embate. Mari diz que sente o pior sentimento atualmente, a indiferença destes antagonistas para com a rádio comunitária e para consigo. Lembra que *“no passado não tinha outorga, [...] no passado o secretário ficava de cara [...] no passado o editor chefe (do jornal local) me dizia eu ficava de cara com aquela rádio...”*, e resume que sente falta desse conflito. *“Me odeia, mas por favor, pensa em mim. Se for indiferente, de que vale a viver?”*

A solidão de Mari se dá, também, pela ausência de muitos destes sindicalistas e militantes que não circulam mais na rádio, sendo presença muito esporádica. Antigamente estes sujeitos eram protagonistas da programação e faziam a pauta; e hoje, Mari percebe que recai sobre ela o papel de formar novos integrantes da rádio e fazer a pauta. Nota que estes novos voluntários a “veem como exemplo” e que se guiam por ela.

No decorrer de 2012 Mari recebeu dois voluntários, ambos estudantes de comunicação e participantes do movimento estudantil, o que parece ter sido um diferencial para que permanecessem envolvidos por mais tempo na rádio. O programa agora conta novamente com vários participantes, a maioria com participação diária. Tem o acompanhamento de uma moça que produz um programa

sobre poesias, o que rendeu novas atividades culturais na qual Mari se envolve diretamente. No entanto, conforme relata, sente que vive um “momento morno”.

Estes novos voluntários não viveram os momentos de embate, tampouco tiveram o convívio com os sindicalistas de referência de Mari, além de vivenciarem uma rádio em período estável, comprometendo a sua formação. Mari conta sobre a atuação de um dos jovens estudantes que começaram a participar do programa de notícias:

...o menino tem dezenove anos, chegou agora, não tem referência política diária na vida dele, não tem. Ele tem estudos políticos, ele tem livros, tem referências de militantes que nós conhecemos da história, mas ele não viveu um jornalismo popular que a [rádio comunitária] quer que se tenha. Não dá para cobrar militância do guri se ele não tem formação (Mari).

Em vista destes problemas, justifica sua permanência na rádio em razão de uma responsabilidade para com o movimento, apesar de todos os problemas apontados. Comentando com uma amiga, que diz ser dos movimentos sociais, que gostaria de sair da rádio, disse que ela lhe falou que não poderia fazê-lo, pois era, na sua interpretação, uma das que salvavam a rádio. A confiança atribuída ao seu desempenho por algumas pessoas chave, em especial aquelas que compreende serem representativas militância ou que de alguma forma contribuíram com sua formação é, por enquanto, suficiente para mantê-la vinculada à rádio.

Mesmo assim, Mari compreende que permanece na rádio principalmente por necessidade financeira, mas que não é a única, havendo também a questão de uma obrigação moral. Tal obrigação também lhe restringe, ou ainda, filtra as possíveis alternativas que compreende serem legítimas como fonte de trabalho e renda.

No início do ano de 2012 recebeu um convite de militantes profissionais do PC do B para ser assessora do possível candidato à prefeitura por esta sigla. Seria responsável pela edição de matérias escritas por este sujeito, além de ser sua porta-voz junto à mídia local, além de outras atribuições que requeriam que se tornasse pública a sua participação. Houve um envolvimento inicial, mas lhe foi informado que teria de ter envolvimento total com a campanha, tendo de “mostrar a cara” como figura atrelada a tal sigla. Receberia um valor seis vezes superior ao que recebe atualmente na rádio, me disse.

É comum que os colaboradores desta sigla tenham de se filiar, o que teria de fazer também. Em função de ter de priorizar este trabalho e ter de tornar pública sua participação na campanha de tal candidato, recusou a oferta de trabalho. Mari disse que se sentiria constrangida de trabalhar na rádio, que tem um perfil plural e representar uma sigla em específico, mesmo que vinculada a um partido considerado de esquerda, dentro, portanto, do espectro de colaboradores da rádio. Disse que lembrava-se de uma cantora local que era frequentadora dos círculos sociais militantes e que costumava frequentar a rádio, que decidiu participar da campanha de um “prefeiturável” e, desde então, ficou estigmatizada por tal participação, ainda mais por ser este candidato do partido DEM.

Por enquanto, Mari permanece na rádio, incerta do que fazer, pois já não sente a atração que havia pela participação neste espaço, muito em razão de não perceber um compromisso de outros

militantes para este projeto, em especial aqueles que elege como representantes legítimos de uma militância, em especial os sindicalistas, que seguem mantendo financeiramente a rádio, mas não estão presentes cotidianamente. Percebe que aqueles que deveriam desempenhar um papel exemplar para as novas gerações estão ausentes, cabendo a si tal tarefa, em um contexto em que não existe embate, muito em razão de todos estes sindicalistas, em menor ou menor grau, estar envolvidos com a institucionalidade no plano Estadual e Federal.

É interessante observar que há uma relativa distância entre o norte ideal militante de Mari e sua prática cotidiana. Ela acredita que uma das motivações principais da militância é a existência do embate com aquelas figuras que seleciona como antagonistas, quais sejam: a “direita”, os “meios de comunicação tradicionais”, entre outros.

No entanto, no seu dia a dia, seja na rádio, cooperativa ou atividades afins, o embate não aparece como principal atividade. Na produção do programa Navegando, foca em atividades culturais, como apresentações artísticas, por exemplo. Imagino que Mari diria que é uma forma de embate a divulgação de artistas alternativos por exemplo, mas não é possível imaginar, conhecendo Mari, vê-la em um embate direto com os antagonistas. Ela procura participar de saraus literários, como poetisa e participante da rádio. É engajada a um grupo de poetas e realiza atividades deste tipo frequentemente, com apoio de alguns outros integrantes da rádio. O sarau mais recente realizado pela rádio comunitária lhe gerou problemas, pois haveria transmissão ao vivo, com a leitura das poesias dos presentes, mas um dos operadores de som responsável por isto não foi, tampouco agilizou as questões técnicas necessárias para tal, o que lhe fez novamente sentir-se desprestigiada pela coordenação da rádio.

Assim, em dúvida sobre o futuro, hesitante sobre o papel atual da rádio na “formação” e construção de uma crítica e mais do que tudo, por um sentimento de obrigação moral para com a rádio e grupos sociais que acredita representar, vai ficando.

Redes e suas funções, Agentes Recrutadores e Reconhecimento

Compreendendo que os indivíduos estão imersos em uma série de redes de relações (familiares, trabalho e etc.); dependendo da trajetória biográfica individual, há variação de relevância dada a cada uma destas esferas. No que tange ao comportamento individual, maneira de agir socialmente, considera-se que tal ocorre de maneira reflexiva, mesmo em situação cotidiana (GIDDENS, 2009).

Ressalta-se que não se compreende que exista um cálculo racional sobre como agir por parte dos indivíduos, mas valem-se de um repertório adquirido ao longo de suas trajetórias e acionado de acordo com uma *racionalidade prática* (GIDDENS, 2009). Para Passy, os estruturalistas negligenciam o papel da agência e os sentidos construídos pelos agentes de suas múltiplas interações sociais. Percebe-se que os indivíduos incorporam no seu eu (*self*) as interações passadas e presentes (PASSY, 2001) e que há a compreensão de pertencimento, ao relacionar o grupo com sua trajetória. Assim, caso o indivíduo se sinta como membro de um grupo, assume uma identidade coletiva, o que ocorre no processo de interação continuada que proporciona uma identidade social e considera a interação, a cognição, emoções e motivação para o engajamento.

Para Passy (2002), a ação coletiva ou o desejo de se integrar é mediado pela existência de laços sociais que facilitem a relação do indivíduo com o projeto de engajamento. Tais laços são amigos ou conhecidos que personificam no indivíduo observado a conexão estrutural. Tais relações sociais criam e sustentam uma estrutura de significados que contribuem para a definição das percepções e preferências, e no caso de Mari, tais laços surgem no período universitário, quando toma contato com o ME e, em consequência desta participação, envolve-se com o Instituto de Estudos Políticos, cooperativa e rádio comunitária, estabelecendo laços com indivíduos que participam destas organizações e que estão relacionados em rede.

Percebi que quanto mais denso for o laço social, e não havendo constrangimentos biográficos, maior a probabilidade da fixação de um *ethos* militante. Uma das formas de verificação deste *ethos* é o discurso acerca dos antagonistas, que são “tradicionais”, “comerciais”, passando a fazer parte do discurso de Mari e demais militantes da rádio. É dinâmico, no entanto, pois é manipulável de acordo com o local em que Mari se encontra. Quando em ambiente familiar, Mari sabe que não convém problematizar a postura dos parentes sobre “trabalhar na RBS”. Também ocorrem resistências quando este *habitus* deixa de ser reforçado em razão da ausência de relações sociais cotidianas e é sentido como imposição externa. Este é o caso da imposição musical percebida por Mari. Tal resistência ocorre quando os laços sociais se desgastam pela frustração de Mari ao não perceber uma coerência nos atos de Renato, assim como em razão do sentimento e solidão descrito, tendo de procurar aquilo que acredita ser o que deveria ser tocado sem que haja a presença daqueles que antigamente admirava, o que seria a modelação do comportamento.

Por função modeladora das redes, conforme Passy (2001), é a maneira como um *ethos* é introjetado e torna-se parte do repertório do indivíduo por reforço contínuo na interação com os participantes do projeto político, no caso as redes de que Mari participa. Conta a diferença de status dentro do grupo, por meio de capital político e militante, para verificar-se a transmissão de normas comportamentais aceitas.

Como expresso anteriormente, tal aceitação de normas ocorre por meio do estabelecimento de uma relação de confiança, sendo muitas vezes negociada, considerando a trajetória individual e uma constância comportamental. As normas, orientadas, via de regra, pelos militantes mais antigos, tem de ser relativamente fixadas e comuns de forma a gerar confiança na ação pelos novos militantes, principal reclamação de Mari, que não vê os militantes modelo no seu dia a dia. Os integrantes mais antigos da rede militante, em tese, deveriam transmitir as normas comportamentais e integrar o novo militante no cotidiano do grupo. Tal não ocorre atualmente na rádio na visão de Mari, mas ela não percebe que ela o faz junto aos estudantes de comunicação que se aproximaram da rádio para estagiarem. Com estes estagiários, poetas e outros integrantes do Movimento Social, Mari restabelece uma rede de sociabilidade nova na rádio.

Assim, a função socializadora das redes ocorre por meio de um processo de identificação, considerando que as pessoas compartilham valores que são defendidos pelos movimentos, o que as levam a se engajar. Como descrito anteriormente, o primeiro grupo de estagiários permaneceu por pouquíssimo tempo junto à rádio, o que se modifica com o segundo grupo, oriundos do Movimento Estudantil, assim como outros participantes que integram já a rede social de Mari por outros caminhos, como os saraus, Movimento Social, Instituto de Estudos Políticos ou outros. A participação as leva a reproduzir tais valores e estes são criados e moldados por meio de relações sociais (PASSY,

2001; 2002). A mera existência destas esferas não resulta mecanicamente em aceitação de regras, que parecem ser a todo momento negociadas e construídas, o que não vem a desconstituir um *habitus* que se torna comum ao novo grupo e tem como padrão, via de regra, as características apresentadas pelo sujeito mais antigo na organização de referência, que será o agente recrutador.

Além do contato dos agentes recrutadores, que para Mari foram Renato, Rafael, Paulo e demais companheiros de movimento, verificou-se a sua disponibilidade biográfica para a militância. Isto ocorre quando não existem *constrangimentos pessoais* (MCADAM, 1986) em sua participação em um movimento social, considerando a aceitação de seus pais para seu engajamento.

Concordando com Passy (2001), é mais provável que o engajamento ocorra quando há uma relação social pretérita com o agente recrutador do que se tal contato ocorresse por meio de organização formal. Percebe-se a importância das redes, considerando a socialização, o recrutamento e também a continuidade do ativismo, caracterizado por esta autora como função de entrada (recrutamento) e no processo de “molde” de preferências individuais (função modeladora). Utilizo as redes sociais como instrumento de análise pois permitem a reconstrução dos processos interativos dos indivíduos e suas afiliações a grupos, a partir das conexões interpessoais construídas cotidianamente em que a inserção a um grupo a leva a participar de outros.

Ocorre o que Passy (2002) denomina como função recrutadora, havendo contato em rede prévia ao engajamento com um integrante de outra rede de militantes e que lhe é apresentada por um sujeito já estabelecido num grupo.

Seria a oportunidade estrutural incorporada em um sujeito “de confiança”, militante que serve como exemplo para conduta. A confiança se expressaria em uma clareza de opiniões ou posições sobre determinado tema e se dá com aqueles com capital político consolidado, como Luan, Rafael ou Renato, sindicalistas que tem a capacidade de determinar as normas para a militância.

Se este for um amigo, há uma conversão de capital pela atuação para a outra esfera social, pressupondo-se que o que fala é factível e que as demais pessoas envolvidas são de mesma matriz identitária. Caso de sua participação no Movimento Estudantil e a relação estabelecida com demais colegas e posteriormente participantes da rádio. Conta ainda a posição do recrutador dentro do campo para delimitar a posição do recrutado e intensidade de militância. Neste caso, penso em Renato que convidou Mari a ocupar função remunerada após a saída de Paulo, dado que ele teria capacidade de agência para determinar quais indivíduos são confiáveis para atuarem na rádio.

É possível observar tais características na trajetória de Mari, em que o envolvimento com o Movimento Estudantil a levou ao Instituto de Estudos Políticos por convite de Rafael, que a levou à rádio a convite de Renato, que por sua vez possibilitou conhecer sindicalistas, como Luan, que encomendam trabalhos para a cooperativa que participou, tornando-se uma rede densa, em que todos se conhecem e se cruzam em determinado local de militância e estão inter-relacionados de alguma forma – seja na rádio, partido, sindicato ou associação. Entra nesta rede militante a partir do momento que se demonstra confiável em razão das práticas no espaço de engajamento inicial, e também pela sua postura nas aulas do professor Rafael. Este, por sua vez, conhecia já os sindicalistas Renato e Luan, por estes estarem envolvidos em outra rede.

Estas redes têm, portanto, uma função socializadora (PASSY, 2002), que entendo por processo de interação, realizado por meio de narrativas, símbolos rituais e etc, sempre revificados e compartilhados por atividades sociais, educativas ou culturais que os grupos partilham, como seminários ou festivais. No decorrer da militância Mari constrói, pela experiência, os quadros cognitivos que servirão para interpretar a realidade social e traçar estratégias de ação com base nestas representações coletivas, como “ser de esquerda”, a preocupação em “representar os movimentos sociais” e a ênfase dada à opinião dos pares da rede de militantes, em especial à postura e opiniões políticas aceitáveis no grupo e que muitas vezes se apresentam como censura velada.

Tais representações serão mais facilmente criadas e adotadas à medida que Mari se envolve com maior intensidade no grupo social e transporta estes *habitus* (BOURDIEU, 2010), vistos aqui de maneira dinâmica entre uma rede e outra, incorporando novos elementos ao grupo. Mari o fez no programa Navegando com sua seleção musical, que teve de ser negociada com os coordenadores, e também com as poesias, que foram resgatadas por ela com um novo grupo após a saída de Paulo e antigos colaboradores.

Considerações finais

Mari é bem sucedida nesta negociação pela confiança estabelecida, e como diz, passa a ter maior autonomia sobre o programa. Tal autonomia, para Mari, é oriunda de um reconhecimento de sua atuação na rádio e demais espaços militantes por parte destes sindicalistas e demais militantes que lhe são legítimos. Aliás, para Mari, tal reconhecimento e a percepção de que sua participação na rádio é vista como importante por estes é uma das razões de sua permanência, criando um sentimento de obrigação para com a rádio e com estes sujeitos. É, portanto, fundamental para a continuidade na militância a percepção de reconhecimento por parte daqueles sujeitos que são tidos como orientadores do campo.

Ainda mais importante para Mari é a questão da percepção de conflitos e antagonismo dinâmico com aqueles sujeitos percebidos como não pertencentes do grupo, como o poder público local, rádios e jornais comerciais e a “direita” como um todo. A ausência deste embate faz com que perceba o período atual como “morno”, restando-lhe em primeiro lugar para a permanência o compromisso para com seus pares e, em segundo, a remuneração percebida pelo seu trabalho, que por si não seria suficiente para o engajamento continuado.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. IN: AMADO, Janaína.; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. P. 183-191.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. 10ª ed. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 2010.
- GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992.
- MCADAM, Doug. Recruitment in high-risk activism: the case of Freedom Summer. *The American Journal of Sociology*, v. 92, n. 1, p. 64-90, julho de 1986.

PASSY, Florence. Socialization, Connection, and The Structure/Agency Gap: A Specification of The Impact of Networks on Participation in Social Movements. *Mobilization: An International Quarterly*. v. 6, n. 2, p. 173-192, setembro de 2001.

PASSY, Florence. Social Networks Matter. But How? IN: DIANI, Mario; MCADAM, Doug (Org.). *Social Movements Analysis: The Network Perspective*. Oxford University Press, 2002. p. 21-48.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In. CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica*. São Paulo/SP: Editora Paz e Terra. 2004. p. 107-125.

Ricardo Gonnnnçalves Severo é Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande Instituto de Ciências Humanas e da Informação. E-mail: rg.severo@hotmail.com.